

Colóquio convida à coragem de sair a tempo

O poder nas empresas deve ser partilhado em vida

Meias das Pequenas e Médias Empresas estão a esgotar. Pula fora, porque a segurança do poder acaba, as condições à despesa, ante a velocidade da inovação técnico-científica, lançando na obsolescência equipamentos, que, entem, foram o grito da vanguarda.

Tudo passa pela revolução das mentalidades, e, neste, deitam-se o problema da sucessão do poder no solo da empresa, a coragem de enquadramento legal específico, pois o regime geral das sucessões, no que se refere à tributação de actos como a Doação, Herança e Partilha do património é bastante punitivo, por desvalorizar efeitos perversos na estrutura e tecido empresarial.

Não que tomar medidas, pois os ventos já sopram da Europa. Há a alerta, deixando um diálogo estabelecido entre a Escola, os Empresários e a Banca.

A primeira comparação, realizada nas reuniões de Escola/Empresa, vai consistir a um encontro nas suas duas virtualidades.

Há, tal, a existência de uma ligação da vida da Conferência, que se desenvolveu no ISCTE, e onde se actualiza a realidade, que sempre se actualiza.

Tal é a linha e estratégia das reuniões de Escola/Empresa, onde se deitam a importância da Escola Geral de Empresas, presente com um discurso de perfil Científico e Empreendedor de Empresas. Com, segundo o dr. Fernando Rodrigues, como campo, não se limitando a um diálogo das empresas.

para a necessidade presente de substituir a ainda grande ausência, reinante entre os meios da vida económica nacional, por uma outra de tipo mais científico, profissionalizante.

Neste enquadramento, o iniciativa do Clube de Empresários virá a ser como eixo sobre o qual se tirar, obviamente, um acompanhamento a nível institucional. Seja como for, os membros do clube pagam por isso, e mostram-se alertas ao estabelecimento de um feedback, perante os desafios que lançam os intervenientes institucionais.

E o COD mostrou-se disposto a promover a sua política de apoio a projetos que induzam,



Empresário PME
Empresário é vital para o sucesso do modernismo

no sistema mais valios, reestabelecendo a eficiência marginal do capital, para ganhar o desafio, erguido em termos de um projeto de investigação sério.

Três linhas de crédito

Neste espírito, e para tentar os meios a gestão de tipo empresarial, que demonstrar, logo à partida se tem intervenido, a intervenção do COD, Eugénio Magu, reafirma a importância que aquela instituição de crédito dá a projetos inovadores,

revelando que, ainda este mês, serão lançadas três linhas de crédito, para responder às solicitações de empréstimos no campo da automação, inovação e melhoria ou reabilitação do seu aparelho produtivo.

Logo ainda a par com o que a dr. Eugénia Magu sustentou para criar discussões diferentes de adaptação de figuras de gestão económica, não esquecendo a realidade presente. Isto, seja como for, o lançamento foi o diálogo estabelecido, mesmo ali, no palco entre a Escola e a

Empresa, no caso uma instituição de crédito de que dependem os empresários das PME, cujo capital próprio não lhes permite pensar no autofinanciamento como regra.

Foi, exactamente, o eng. Comas Cardozo, quem o lançou. Com um saber feito de experiência na criação da PME, lançou no debate temas interessantes sobre o problema da sucessão do poder na estrutura das pequenas empresariais, onde problematiza o poder familiar, com todos os seus seque-

las, no campo da gestão e da modernização. Comas Cardozo admitiu a proposta do COD em termos do lançamento de iniciativas na criação de mais PME. Contudo, lançou a dúvida se a estratégia, uma perspectiva integrada e de sucesso de uma acção interdisciplinar — PME/Banca — não se deveria, antes, orientar por uma prática, no sentido de fazer reconhecer projetos associados, e em fase de vida terminal.

Renascimento para as PME não seria a saída, quando, em Portugal, elas registam altos índices de natalidade, mas, também, de mortalidade.

O poder empresarial foi apontado, como responsável, para a conjugação destas unidades. Com isso, mas com muita profundidade, estabeleceu que o poder no solo da empresa tem de sofrer um processo de alteração, que passa pela revolução da mentalidade.

Sem qualquer tabu, sustentou que qualquer empresário, que controle o poder de decisão na sua empresa quando chega aos cinquenta anos, deve, para o simplesmente, começar a pensar no problema da sua sucessão. Se tem amor à sua obra, deve entregá-la aos mais novos. Reconheceu que importante é adaptar esta difícil estratégia, que passa pela alteração das mentalidades. E, sem qualquer receio, citou a

Dia

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31

Empresas. Rel. P/ Universidade
ISCTE

sua experiência de empresário, de cinquenta anos. Também ele, neste momento, começa a sentir as dificuldades da utroga e partilha do poder. Mas, todavia, e apesar das tentativas frustradas, renuncia-se por um passo inevitável e fundamental, para não deixar morrer o projeto. E cede, assim, o caso de que, normalmente, quando a sucessão não se prepara em vida, é comum o património gerador e ser destruído por litígios e gestões incorretas.

Todavia, e neste campo, Gomes Cardozo parece ter posto o caso típico na situação tendente a fazer renascer PME em situações críticas. Na verdade, a criação de uma entidade empresarial ainda é um processo dispendioso, em termos económicos (300 contos) e complexidade mais pela burocracia, ainda imbuída nos procedimentos oficiais. É que, para dar vida a uma entidade, devida-se ao estado, um ano, se não antes pelo menos, se os oficiais não conseguem por ordem a morte da empresa, ou a paragem da sua vida.

Imposto sucessório deixar ser atenuado

De qualquer modo, a questão do bem gerado. Criação de novo ou fazer renascer as que se encontram em situação crítica, com os problemas originários, levadas até de uma espécie de "nascimento" para dar-lhe o salto em termos qualitativos.

Seja como for, a CGD dá-lhe bem claro que a sua agenda continua a ser na PME, pois elas as organizações empresariais portuguesas, representam mais de 90 por cento.

Todavia, e eng.º Gomes Cardozo volta-se ao problema do poder sucessório, tomando, por exemplo, tendências surgidas em França nesta área.

É que, em Portugal, a carga fiscal sobre tal tipo de situação, em termos tais, que afetam os empresários dessa categoria.

Em França o problema levantou-se, tendo sido denunciado o facto de 50 por cento das grandes das Pequenas e Médias Empresas Industriais terem mais de 50 anos. Tal facto foi apontado para justificar estrangulamentos existentes na estrutura geral e individual.

O mesmo se passa em Portugal, e — segundo Gomes Cardozo — é importante reflectir sobre as modernas tendências legislativas em termos de gestão. Passando por um problema de mentalidade, a saída depende de um rearranjo mental, que implique a criação de um novo espírito e de uma nova mentalidade. É que, neste momento, o direito sucessório é bastante penalizador, devido ao peso do imposto sucessório e de outros aspetos.

A partilha em vida

A partilha e doação em vida deveriam ser fundamentais e atuais, como acontece em vários institutos europeus, onde parece haver consenso, sobretudo se que se refere à continuidade da empresa e a situação, pois daí depende a boa situação da empresa e o renascimento da mesma PME, em via acordada para o processo de liquidação e extinção.

Ferreira Rodrigues aponta a importância do problema, lembrando que, em Portugal, existem muitas empresas em situação muito grave, sem encontrar uma saída. Todavia, levantaria outro problema, bem comum entre nós, qual

seja o da fuga de massa financeira, porque preferiram criar um projeto exclusivamente em, aproveitando o impulso de um empresário para, de seguida, se ocupar como um comprador. E, com a sua capacidade, estruturas melhores qualitativas na organização das indústrias da produção, criando a unidade de origem, que, ali se leva, entra em derrapagem.

Criar é não deixar cair as existentes

Mas, neste campo, a CGD entende que tem campo de atuação. Para Ferreira Rodrigues, não basta fazer renascer. Continua a ser importante criar. As duas perspetivas são complementares e indispensáveis. Esta uma conclusão, que nos permite voltar das suas palavras, porque muitas das empresas mais idosas partem a vontade, a continuidade. Ainda, e neste âmbito, a criação é, também, essencial, e se que aparece, agora, não a saída para as antigas. Criação mais é não deixar cair as já existentes. — disse, para assegurar que a expectativa de realizar passa por uma mudança de mentalidade.

Todavia, à luz do estado, rematou frisando a importância do diálogo Estado/Empresa na resolução das dificuldades, em termos da repartição e sucessão do poder sobre o capital.

E, neste campo, procuramos concretizar.

É que — frisou — ao tempo é escasso, 1992 é daqui a pouco tempo.

Dito de outra forma: a partida de transição, após a nova entrada no Mercado Comum, estará cada vez mais próxima. Os parceiros serão todos iguais, e, depois, só quem tiver unhas poderá tocar guitarra.

Dia

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31

empresas - zel. e / univinsidade